



# A Santa Sé

---

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II  
AOS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL  
DE MOÇAMBIQUE POR OCASIÃO  
DA VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM"**

*Sábado, 20 de Março de 1999*

*Venerado Senhor Cardeal*

*Amados Irmãos no Episcopado*

1. Com grande alegria vos acolho nesta casa, a vós que recebestes do Senhor o encargo de apascentar a sua Igreja em Moçambique. Viestes a Roma para efectuar a visita ao túmulo dos Apóstolos e encontrar-vos com o Sucessor de Pedro, esperando nova luz e apoio para o vosso ministério de edificar o Corpo de Cristo (cf. *Ef 4, 12*), em comunhão com a Igreja universal. Agradeço a D. Francisco Silota, Presidente da vossa Conferência Episcopal, as palavras amáveis que me dirigiu, elucidativas do vigor espiritual e dinamismo missionário das vossas comunidades e da sua fidelidade ao Evangelho.

Sinal deste dinamismo e crescimento eclesial é a nova diocese de Gurué, criada em 1993 e que foi confiada a D. Manuel Chuanguira Machado, a quem saúdo de modo especial nesta sua primeira visita; idêntico motivo me leva a nomear o novo Bispo de Pemba, D. Tomé Makhweliha, e D. Adriano Langa, Bispo Auxiliar de Maputo. Para todos vós, a minha saudação afectuosa em Cristo, com vivo apreço pelo vosso serviço eclesial e a certeza das minhas preces para que, cheios de entusiasmo apostólico, continueis a anunciar o Evangelho àquele povo que vos está confiado.

2. Quisestes incluir esta visita *ad limina Apostolorum* entre os vários actos oficiais comemorativos do Jubileu da evangelização de Moçambique, motivo esse que me leva a iniciar este colóquio convosco partindo da Eucaristia, porque ela constitui «o centro e ponto culminante de toda a vida da comunidade cristã» (*Christus Dominus*, 30) e foi o portal sagrado por onde Jesus Cristo entrou na vossa terra.

Com efeito, Ele tornou-Se presente por estas palavras: «*Hoc est enim Corpus meum. Hic est enim calix Sanguinis mei (...) qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum*». Era a primeira Missa em terras moçambicanas,

celebrada pelo Capelão das naus portuguesas de Vasco da Gama, no dia 11 de Março de 1498. Passados quinhentos anos, o mesmo acto consecratório foi realizado *in persona Christi* por nós, aqui nesta manhã, e – como não pensá-lo?! – pela quase totalidade dos sacerdotes que, em Moçambique, conosco «apascentam a Igreja de Deus, adquirida por Ele com o seu próprio sangue» (*Act 20, 28*).

Movido por este pensamento, desejo, na pessoa de cada um de vós e respectivos sacerdotes, manifestar toda a esperança, solicitude e estima que sinto pela Igreja que apascentais. Ajoelhado aos pés do único altar da Cruz preparado como mesa para todas as vossas comunidades desde a da catedral até à mais pequenina e distante onde chega a Eucaristia, comungando da única Víctima divina voluntariamente entregue à morte por todos os moçambicanos e pela humanidade inteira, irmanado no único e eterno Sacerdócio que por graça e só por graça nós, sacerdotes, partilhamos, eu, servo dos servos de Deus, aproveitando idealmente o momento em que, na anáfora eucarística, proferis o meu nome e serviço eclesial, aproximo-me de cada celebrante e, com um afectuoso abraço, lhe digo: «Obrigado, porque fizeste nascer sacramentalmente Jesus em Moçambique. Agora que nasceu nas tuas mãos quando Lhe chamaste "meu Corpo" e "meu Sangue", não esqueças nenhum dos filhos e filhas que, por Ele e n'Ele, geraste para o nosso Deus e Pai! Em nada e por nada, renegues aquilo que livremente escolheste ser e és: "corpo entregue", "sangue derramado (...) para a remissão dos pecados". Peço-te que leves o abraço da paz e a Bênção do Papa a cada uma das comunidades eclesiais que apascentas na caridade de Cristo».

3. Lê-se nos vossos relatórios que pela grande afluência dos cristãos, finalmente livres para confessarem a sua fé e pertença a Cristo e com os caminhos desimpedidos e mais seguros graças à paz que voltou, em muitas partes a celebração da Eucaristia tem de ser feita ao ar livre, porque o lugar de culto não comporta a multidão. Multiplicais as celebrações, mas o fenómeno mantém-se... Isto é sintomático! Moçambique foi visitado pela Eucaristia, quando as suas gentes ignoravam ainda o Hóspede amável que chegava; agora que O conhecem como «verdadeiro pão que vem do Céu (...) e dá a vida ao mundo» (*Jo 6, 32.33*), correm para Ele.

Poder-se-ia dizer que Deus fez Moçambique eucarístico; vejo o seu povo crente que se oferece a Deus para ser Eucaristia. Deus abençoou-o com uma sintonia e atracção especial pelo Santíssimo Sacramento, como se apenas este Pão o pudesse saciar. Quem dera que nenhuma comunidade ficasse privada da celebração regular da Missa dominical e dos outros sacramentos! Deste modo, não correria o risco de ir beber a outras fontes de águas turvas e de confundir a voz do Pastor verdadeiro com a de qualquer estranho que pretendesse entrar no redil sem passar pela porta que é Cristo (cf. *Jo 10, 1-9*). A situação do cristianismo no mundo ensina que são menos vulneráveis à influência das seitas as comunidades alimentadas regularmente com o pão da Palavra e da Eucaristia. Daí a minha vontade de confiar a cada um dos sacerdotes que está em Moçambique este apelo: Vês tu alguma possibilidade de levar o conforto dominical da Eucaristia a uma comunidade mais que seja?! Digo-o... por ti ou por outrem. No Presbitério diocesano, no qual hão-de sentir-se bem-vindos também os sacerdotes missionários e religiosos, seja tomada à letra aquela ordem do divino Mestre quando, preocupado com as multidões que O seguiam e iriam desfalecer pelo caminho se as mandasse para casa em jejum, disse aos discípulos: «Não é preciso que vão embora; dai-lhes vós de comer» (*Mt 14, 16*; cf. *Mc 8, 3*).

Neste serviço e muitos outros que existem nas pequenas comunidades cristãs, sei que colaboram convosco, a seu modo e grau, uma multidão imensa de catequistas e animadores, que nesta ocasião desejo saudar, agradecer e encorajar: os seus nomes estão escritos no Céu. Amados Bispos e sacerdotes, sede para eles guias atentos e

sustentáculo permanente, nomeadamente se, na vossa ausência, têm de presidir à assembleia dominical. A todos, porém, fique claro que tais assembleias se realizam «à espera de um sacerdote» (*Directório para as celebrações dominicais na ausência de sacerdote*, 26) e são ocasião para pedir ao Senhor que envie mais trabalhadores para a sua messe (cf. *Mt 9*, 38).

4. De facto, a vida das comunidades cristãs só fica plenamente garantida quando há sacerdotes, porque são eles quem administra os sacramentos da Penitência e da Eucaristia, apascentando o Rebanho nas fontes da vida eterna. Dou graças a Deus porque começa a haver Ordenações nas vossas dioceses. Mas quantas mais são necessárias!

E, todavia, alguns de vós lamentavam não poder aceitar todos os pedidos de jovens que queriam entrar nos Seminários, porque estes estão superlotados. Que pena! Na minha pátria, circunstâncias muito diversas das vossas tinham obrigado a fechar o Seminário de Cracóvia, mas o meu Arcebispo, D. Adão Sapieha, reorganizara-o de forma clandestina na sua residência; ali me acolheu, e vivi junto dele os meus dois primeiros anos de seminarista. Não é que vos recomende o mesmo; o que quero dizer é que Deus vos há-de inspirar formas e meios para acolher as vocações que Ele vos manda e de que tanto necessitais.

Grande influência teve sobre o caminho da minha formação para o sacerdócio a proximidade do meu Bispo, sentida sobretudo naqueles anos em que habitei na sua residência. Os seminaristas precisam de encontrar-se, de «estar» com o seu Pastor; e, vice-versa, muito ajuda, no cumprimento das responsabilidades pastorais que este tem para com os candidatos ao sacerdócio, que os «visite frequentemente e de certa maneira estejam com eles» (*Pastores dabo vobis*, 65). Esta proximidade do Pastor é necessária a todo o Rebanho, ordenando-lhe o cân. 395 do Código de Direito Canónico a residência pessoal na diocese.

Com a sua palavra e exemplo, ajude os jovens a compreenderem que o sacerdócio é configuração com Cristo, Esposo e Cabeça da Igreja, mas também Vítima e Servidor humilde. Um Seminário e um Presbitério, fortalecidos pela oração, pelo apoio mútuo e pela amizade, favorecem o espírito de obediência, que dispõe o sacerdote a realizar as tarefas pastorais que lhe forem confiadas pelo seu Bispo. O mistério da Igreja como comunhão fortalece-se quando a autoridade episcopal é exercida como *amoris officium* (cf. *Jo 13*, 14), e a obediência sacerdotal segue o modelo de serviço de Cristo (cf. *Fl 2*, 7-8).

Além disso, nem o Seminário nem o Presbitério deveriam levar a um estilo privilegiado de vida. A simplicidade e a abnegação hão-de ser as características daqueles que seguem o Senhor, que «não veio para ser servido, mas para servir» (*Mc 10*, 45). Como diz o *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*, «difícilmente o sacerdote se tornará verdadeiramente servo e ministro dos seus fiéis, se estiver excessivamente preocupado com as suas comodidades e com um excessivo bem-estar» (n. 67).

5. Quero agora exprimir o meu grande apreço pelo inestimável serviço das pessoas consagradas: a todas elas, homens e mulheres, exprimo a mais viva gratidão da Igreja! Foram fulguradas pelo Absoluto e, com um esplendor eterno, colocadas como estrelas no firmamento para levarem muitos aos caminhos da justiça (cf. *Dn 12*, 3). O seu coração viu-se incendiado por um fogo que não é desta terra e que faz delas aquela «candeia» do Evangelho acesa, «não para se colocar debaixo do alqueire [da própria diocese], mas em cima do velador e assim alumiar a todos os que estão em

casa» (cf. *Mt* 5, 15), a Casa de Deus. Daí, o seu justo anseio de crescimento até aos confins da Igreja, a fim de poderem «acompanhar o Cordeiro por onde quer que vá» (*Ap* 14, 4).

É importante que este testemunho refulja em Moçambique, pelo que não posso deixar de me alegrar com o grande florescimento de vocações religiosas nas vossas dioceses, incluindo novas fundações locais. Eu sei que as Irmãs prestam magnífica colaboração na vida pastoral das comunidades cristãs, socorrendo-as nas múltiplas carências da vida eclesial ou mesmo guiando-as na falta de um sacerdote residente. Mas elas nunca poderão ser vistas como o contraponto feminino do presbitério, porque a sua vocação não se destina ao pastoreio do rebanho, mas visa manter vivo nele o ideal das bem-aventuranças, antecipando a condição definitiva do Reino de Deus pela vivência dos conselhos evangélicos. Por isso, com prudência e discernimento (cf. 1 *Ts* 5, 21), ajudai estas vossas fundações a crescer até serem autênticas Famílias religiosas – porventura pelo reagrupamento de associações de diversas dioceses cujos membros se reconheçam com a mesma vocação e carisma –, velando por que as candidatas sejam seleccionadas com esmero, e recebam uma formação integral humana, espiritual, teológica e pastoral, que as prepare para a sua missão na Igreja.

6. Os vossos directos colaboradores pastorais são os sacerdotes, aos quais vos unem vínculos de irmandade apostólica, forjada pela graça das Ordens sacras. Contais já com a colaboração de bastantes padres diocesanos, sendo os restantes membros de congregações missionárias e religiosas ou *fidei donum*, devendo cada qual, segundo o respectivo grau de pertença, sentir-se parte de «um só presbitério e uma só família, de que o Bispo é o pai» (*Christus Dominus*, 28). Mostrai interesse por todos, de qualquer idade, condição ou nacionalidade que sejam, quer pelos naturais da terra, quer pelos que vieram de fora (cf. *Christus Dominus*, 16).

Se há clero de vária proveniência num presbitério, o Bispo não vai querer «fazer distinções» entre os seus padres (cf. *Tg* 2, 4). Desejo aqui referir-me à colaboração concreta que a Santa Sé regularmente vos pede: indicar nomes de possíveis candidatos ao episcopado dentre os sacerdotes da vossa diocese. As propostas feitas não-de ser o resultado duma avaliação imparcial das melhores possibilidades que o clero oferece, sem se deixar condicionar pela sua origem, pertencendo depois à Sé Apostólica a escolha do Pastor que julgar mais idóneo para o governo pastoral duma diocese.

7. A história da Igreja está constelada de figuras de missionários que, na esteira de S. Paulo, «se fizeram tudo para todos, para salvar alguns a todo o custo» (cf. 1 *Cor* 9, 22). Basta pensar no Pe. Gonçalo da Silveira, nos primórdios da evangelização da vossa terra. Ora, nenhuma diocese, nenhum Bispo que acolheu um missionário à sua mesa e ao seu pão, que lhe abriu o coração partilhando projectos e dificuldades, e depois, juntos, suportaram o peso das jornadas apostólicas, poderá afirmar dele: é um «estrangeiro»! Mas... se tem já quase 2000 anos esta norma eclesial: «Já não sois estrangeiros nem hóspedes, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus» (*Ef* 2, 19-20)! Para a Igreja, esta norma abroga todos os usos e costumes, critérios e valores deste mundo que lhe sejam contrários ou de impedimento.

Somos a *Família de Deus!* Nesta noção, reconheceram os Padres Sinodais, durante a Assembleia Especial para o vosso Continente, «uma expressão da natureza da Igreja particularmente apropriada para a África», propondo-se «edificar a Igreja como família, excluindo todo o etnocentrismo e excessivo particularismo, procurando, pelo contrário, promover a reconciliação e uma verdadeira comunhão entre as diversas etnias, favorecendo a solidariedade e a partilha de recursos e pessoas entre as Igrejas particulares, sem indevidas considerações de ordem étnica» (*Ecclesia in Africa*, 63), certos de que «a unidade da família humana recebe um grande reforço e encontra o seu acabamento na unidade da família dos filhos de Deus» (*Gaudium et spes*, 42).

8. A decisão sinodal de privilegiar a apresentação da Igreja como família assenta na constatação de que, «na África de modo particular, a família representa a base sobre a qual está construída a sociedade» (*Ecclesia in Africa*, 80). E tal deve continuar... Daí que todo o esforço e cuidado pastoral da Igreja seja pouco quando se trata de salvar uma família. É que, ao desabar uma família, abre-se uma brecha no futuro da sociedade por onde se esvai o seu vigor. Ajudai, pois, a sociedade moçambicana – de modo particular aqueles que a projectam e guiam com suas normas e instituições públicas – a raciocinar e a organizar-se, tendo como unidade básica de medida e instrumento aferidor a família. Moçambique será amanhã a família que tiver hoje, porque os cidadãos encontram nesta o berço e a primeira escola.

Iniciada na família, a formação humana desenvolve-se na escola. Infelizmente, a guerra prolongada e suas sequelas degradaram imenso a rede escolar nacional, deixando a nação impossibilitada de atender ao anseio maior da sua juventude: aprender, formar-se. Ouvindo diariamente as lamentações de pais e filhos, a Igreja – exercendo um seu legítimo direito de presença activa no mundo da escola – tem investido aí quanto pode e para além das suas possibilidades. Queria elogiar o trabalho admirável de tantos professores cristãos, empenhados com o melhor das suas energias e todo o seu saber, desde a escola elementar até à Universidade Católica de Moçambique.

As escolas católicas dispensam, sem distinção de meios sociais nem de religião, uma sólida educação humana, cultural e religiosa, no respeito da consciência dos alunos e das opções das suas famílias. Nelas, jovens de origem diferente podem fazer a aprendizagem do diálogo da vida para participarem na edificação duma sociedade acolhedora de cada um e respeitadora das diferenças. A união entre todos os cidadãos, sem distinção de origens ou de crenças, fundada sobre o amor da pátria comum, deve ser buscada com ardor em vista de trabalharem juntos para o desenvolvimento integral da nação, na concórdia e na justiça. Que os jovens não tenham medo de se empenhar pelo futuro do seu país!

9. Amados Irmãos, várias vezes e por diversos motivos aludistes à dificuldade derivada de usos e costumes ancestrais das populações que não as deixam aderir completamente às exigências do Evangelho, para afirmardes logo a seguir as boas disposições com que elas o acolhem. Sei

que a contradição é apenas aparente, porque o nível de adesão em causa é diferente, mas, nesta contradição aparente, não está porventura escondido o verdadeiro e maior desafio de sempre – também o de hoje –: a *urgência de evangelizar*?!

Estes quinhentos anos de evangelização das vossas gentes viram, mais de uma vez, renovar-se o prodígio duma Igreja que se levanta das cinzas com uma pujança extraordinária. Hoje, que a Igreja em Moçambique tem já fundamentos sólidos, é chegada a hora de provocar uma grande vaga de missionários que voltem à vossa terra, onde há milhões de pessoas ainda não evangelizadas, para «proclamar a Boa Nova a todos, e levar os que a escutam até ao Baptismo e à vida cristã». Se vos empenhardes «vigorosa e decididamente por este caminho, a Cruz poderá ser plantada em toda a parte (...) para a salvação dos povos que não tenham medo de abrir as portas ao Redentor» (*Ecclesia in Africa*, 74).

10. Venerado Senhor Cardeal, amados Irmãos no Episcopado! No final do nosso encontro, quero renovar-vos a minha gratidão pela visita que me fizestes, carregando os frutos generosos duma sementeira do Evangelho que tem quinhentos anos na vossa terra. Sobre toda a Nação, imploro a benevolência de Deus, suplicando-Lhe que liberte do ódio, do ressentimento e da vingança o coração de todos os moçambicanos, para chegarem ao Grande Jubileu do ano 2000 verdadeira e profundamente reconciliados e pacificados com Deus e com os homens.

Esta reconciliação – sabem-no os cristãos – tem a sua fonte de graça e dinamismo na Eucaristia, e «o ano 2000 será intensamente eucarístico», já que «no sacramento da Eucaristia, o Salvador, que encarnou no seio de Maria vinte séculos atrás, continua a oferecer-Se à humanidade como fonte de vida divina» (*Tertio millennio adveniente*, 55). Maria, Mãe do Redentor, vos assista ao conduzirdes o Povo de Deus que está em Moçambique até este encontro salvífico. Com a minha Bênção Apostólica.